Sumário

1 4

Super gêmeos 4

Cena 1 4

Cena 2 8

Cena 3 13

Cena 4 15

Cena 5 18

Cena 6 22

2 27

Floresta desencantada 27

Cena 1 27

Cena 2 29

Cena 3 34

3 41

Príncipe sapo 41

Cena 1 41

Cena 2 47

Cena 3 51

4 57

Negociantes na estrada 57

Cena 1 57

Cena 2 58
Cena 3 65
Cena 4 74
Cena 5 81
Cena 6 89
5 94
Pedintes Chorões 94
Cena 1 94
Cena 2 98
Cena 3 104
Cena 4 108
Cena 5 111
Cena 6 115
6 122
Pedido para as estrelas 122
Cena 1 122
Cena 2 124
Cena 3 128
Cena 4 131
Cena 5 136
Cena 6 139

1

Super gêmeos

Cena 1

— Você acredita em magia?

Eram dois irmãos, um garoto e uma garota. Ela sempre foi a mais esperta e ele o mais lento. Ela a mais racional e ele fantasioso. Incrivelmente mesmo com as diferenças eles continuavam muito iguais, os acontecimentos importantes da vida vinham aos dois ao mesmo tempo como por exemplo o primeiro dente a nascer, a primeira palavra a ser dita, os primeiros passos e assim a diante. E claro, concordavam em praticamente tudo, com exceção da crença na magia, ele acreditava que ela existia em algum lugar escondido a irmã não pensava igual.

A criança fantasiosa procurava abaixo do travesseiro, na noite anterior deixou seu dente na esperança de receber uma moeda. Parou por um instante voltando a atenção para a pergunta da irmã achando um questionamento bobo.

— Você sabe que sim.

— Já passamos da idade de acreditar nessas bobagens.

— Bobagem ou não as minhas moedas sempre aparecem abaixo do travesseiro.

Paciente a menina se levantou da própria cama abandonando o livro escolar com um marcador de páginas. Foi até a cama do irmão com feições serias, iria desiludi-lo de uma vez por todas, ela não queria fazer isso, não queria ser responsável pela destruição da doce e inocente ilusão, por este motivo passou tanto tempo tentando ignorar, agora a

situação era outra, as outras crianças riam dele e não queria que continuasse.

— Thomas, não são as fadas que deixam as moedas, são os nossos pais quando você está dormindo.

— Mas por que eles mentiriam para mim?

— Os pais são estranhos, por isso.

— Tem certeza, Ana?

— Desculpe, mas é a verdade.

Ana voltou ao seu livro na página marcada, as feições do irmão eram tristonhas, mas julgava ser melhor assim, pelo menos foi ela quem contou, se fosse qualquer outro ele não teria acreditado, sequer daria ouvidos.

Thomas estava triste com a revelação, passou o dia pensando no que mais os pais haviam dito ser e não era de verdade. Ficou pensando em como iria contatar o mundo da magia se não pelas fadas, a sua missão ficou muito mais difícil, ele também pensava em como provar para a irmã que a magia existia. Ao contrário do que ela pensava ele continuava convicto da existência dos seres mágicos e o mundo cheio de magia onde habitavam. Em seus sonhos sempre visitava o mundo em que viviam as fadas e brincava com elas, infelizmente sua irmã não nasceu com o mesmo dom de saber da existência deles, a parte boa era que ela tentava entender, do jeito dela.

Cansado de tanto falhar em encontrar uma solução foi dormir. Sonhou novamente.

A mesma clareira com tons de rosa coberta de flores e repleta de pozinho magico. Suas amigas fadas o esperavam ansiosas para a

brincadeira, elas saiam de casa escondidas dos pais querendo brincar com seu amigo magico que fazia magia com facilidade, sem precisar de catalizadores. Nesta noite perguntou sobre como era o lugar de onde elas vinham e o que faziam, como sempre a mesma resposta, ainda não tinham idade o suficiente para fazer coisas de fadas adultas e poderosas. Eram crianças e logo esqueceram o assunto voltando a brincadeira em que Thomas fazia todos flutuarem. Na hora de partirem para casa uma delas o chamou em um canto, ela alegava saber um modo de ele a visitar de verdade sem ser somente através dos sonhos dele.

— Minha mãe me proibiu de brincar longe na floresta, ela disse que as vezes as grandes árvores são usadas como portais e que se me levassem por elas eu poderia parar em qualquer mundo estranho. Você podia tentar vir por alguma delas, eu poderia te esperar quando minha mãe não estivesse prestando atenção.

— E como eu encontro uma dessas?

— Venha mais cedo e eu mostro como é uma.

— Mas aquele homem pode aparecer e gritar com a gente outra vez.

— Eu sei, mas é nossa única chance! Promete para mim que vem.

— Tudo bem eu venho.

De longe podia ouvir a voz de Ana o chamando de volta, provavelmente estava atrasado para a escola.

— Tenho que ir Marjorie, Ana está me chamando, te vejo depois.

A luz estava muito forte e Ana o sacudia nada gentil.

— Vou dizer para os nossos pais comprarem outro despertador, agora venha se não vamos nos atrasar.

Ela foi embora vitoriosa enquanto Thomas estava insatisfeito de ser obrigado a ir ao lugar onde ninguém acreditava e nem gostava dele, mas tudo bem, em breve encontraria a grande árvore e tudo mudaria para melhor.

Cena 2

Fazendo um círculo em volta de Thomas os alunos perguntavam sobre as amigas fadas.

— Vocês se maquiam por acaso?

— Vocês não podem falar assim com ele, pode ser que estejamos falando com a irmã dele, a é mesmo esqueci, Ana tem cabelos curtos.

— Talvez prefiram fazer tranças e decorar com flores esses cabelinhos delicados.

Os moleques pré-adolescentes riam do garoto que há tempos desistira de retrucar e tentar se defender, as vezes os meninos puxavam seus cabelos, outras vezes puxavam suas roupas, ou jogavam seus pertences pelo pátio. Sempre a mesmas brincadeiras sem graça de mal gosto e sempre terminava da mesma forma, com Ana.

— Talvez vocês desejem ter cabelos para entrançar quando eu arrancar fio por fio dolorosamente.

— Deu ruim, corre!

Um dos meninos gritava aos outros ao ver Ana chegar, ela conseguiu puxar dois pelas orelhas os esticando para mais perto de Thomas, nem precisou dizer algo, eles já sabiam o que deveriam fazer naquele momento.

— Eu tenho problemas de confiança e por isso digo besteira.

— Eu sou inseguro e besta e por isso desconto minhas frustações covardemente.

— Ótimo, agora deem o fora daqui.

A mochila continuava aberta no chão com os cadernos do lado de fora, de todos os expostos ele limpou cuidadosamente seu diário de pesquisas sobre a grande árvore, ela ajudou pondo o resto na mochila.

— Devia pelo menos tentar se defender, e se eu ficar doente e não puder vir para a escola?

— Se ficar doente eu fico em casa cuidando de você.

— E se por acaso eu estiver longe?

— Então eu apanho.

— Pare com isso Thomas! Não pode deixar eles te tratarem assim.

— Se você não insistisse eu nem viria para a escola, é inútil, quando eu for mais velho vou estar atrasado do que eu realmente deveria aprender e vou saber coisas inúteis.

— Se você realmente fosse para um lugar magico eu posso afirmar com toda a certeza que não vai saber de coisas inúteis, pois para saber pelo menos isso teria que ser um bom aluno.

— Isso é... a mais pura verdade!

E em um instante esqueceram dos desocupados perturbadores de paciência, esqueceram da escola e sua divergente opinião sobre a existência da magia. Ali eram apenas dois irmãos rindo sem nem mais lembrar do motivo. O sinal tocou e teriam de ir para as aulas.

Todos os anos ficavam na mesma sala e para fazer companhia à irmã Thomas a esperava nas aulas extracurriculares, ela era boa em tudo o que se propunha fazer, quando decidiu fazer artes maciais se tornou a aluna número um, quando resolveu aprender a cozinhar passou a cozinhar em casa e para toda a vizinhança, quando entrava

em um clube ultrapassava os melhores, quando começava qualquer atividade dominava. No momento assistia a equipe de debate onde os opositores se encolhiam temendo ser o próximo, ela brilhava e Thomas era o irmão estranho que ela levava nas costas, como sempre se apoiavam mesmo com as diferenças, era o que fazia quando mais um perdedor saia cabisbaixo.

— Escolha outro Thomas.

— Aquela no canto, ouvi ela dizendo ser a melhor.

— A novata? Vamos ver se ela é boa.

— Ela vai desistir em três minutos no máximo, eu aposto.

— Ei você novata! Venha até aqui, vamos debater qualquer assunto da sua preferência.

E a novata foi derrotada, assim como todos os outros.

Em casa os pais ainda não haviam chegado do trabalho e poderiam ir para as atividades importantes para Thomas, aprender sobre magia, separar a verdade do inventado e anotar tudo no diário, Ana também era a melhor irmã que alguém poderia ter. Os dois sabiam que ela desacreditava e mesmo assim todos os dias continuavam procurando a tal da grande árvore. Sentados no chão com livros abertos procuravam plantas de grande porte.

— Quando eu encontrar a grande árvore, você vai comigo?

Ela não esperava este questionamento, levantou a cabeça repassando as palavras para ver se não entendeu errado. Abaixou o livro ainda confusa sobre como responder.

— Se você resolver ir para qualquer lugar e me deixar sozinha eu vou atrás e te busco arrastado pelas orelhas.

— Estou falando sério Ana.

— Eu também. Somos super gêmeos lembra? Ficaremos sempre juntos. Mas nossos pais ficarão bem irritados.

— Você disse ficarão!

— Eu disse?

— Sim você disse.

— Foi só uma palavra, ainda sou do tipo que precisa ver para crer, e eu nuca vi um mundo mágico.

— Não importa sua descrença, isso foi um sinal de que estamos perto.

Ana nem discutiu, já estava acostumada. Por coincidência ou não quando voltou novamente a atenção ao livro, ao virar a página encontrou uma árvore semelhante a procurada. Ela não possuía dimensões gigantescas na largura e faltava muitos detalhes como os frutos com sementes vermelhas enormes ou as cores vibrantes e menos ainda estava envolta de uma folhagem colorida. Rapidamente mostrou ao irmão que repetiu a frase sobre o sinal de estarem perto, novamente não questionou. Thomas só faltou pular de alegria, pesquisou sobre a planta o máximo que conseguiu.

A árvore estava em outro estado, era um espécime raro. No passado quando forasteiros chegaram naquelas terras desmataram a grande maioria no comercio da madeira, o país recebeu o nome em homenagem a árvore inclusive. Haviam muito poucas delas, a maioria em reservatórios e locais de difícil acesso. No entanto, causando felicidade, uma específica estava preservada majestosamente em um

campus de uma universidade, tudo o que deveriam fazer era ingressar nela, para Ana seria fácil, para Thomas nem tanto.

Por fim decidiram que tentariam o vestibular para aquela universidade estadual. Inicialmente os pais ficaram tristes com a distância, depois se alegraram ao ver o interesse do filho em cursar faculdade. Agora Thomas só deveria aguardar mais seis anos para literalmente a realização dos seus sonhos.

Cena 3

As pontas dos dedos batiam violentamente contra a mesa, cada vez mais rápido e incomodando os outros que também aguardavam. Ana estava do lado, roendo desesperadamente as unhas, esperando o nome do irmão ser chamado, ela já havia feito a prova do vestibular, agora era a vez de Thomas. Os dois conversavam sussurrantes para os outros candidatos não ouvirem o teor da conversa, ou melhor dizendo, o tom de culpa na voz.

— Pare com esse barulho! Por acaso quer chamar atenção?

— Não! Mas eu só paro se você parar de comer as unhas.

— Estou nervosa!

— Eu também estou nervoso!

— Tudo bem eu paro.

O nome foi chamado e os dois se entreolharam com pavor, parecia que a garota com prancheta chamando os nomes havia anunciado o vencedor de um concurso de tortura.

— Tente não deixar a voz tão fina.

— Não me deixe pior, você já tem sorte de ser magrelo e ter cara de menina, quando o fiscal olhar para a sua identidade nem vai atentar a isso.

— A crueldade mandou lembranças, ela quer o posto de volta.

— Pare de reclamar da irmã maravilhosa que tem.

— Boa sorte então.

— Não preciso de sorte, tenho preparação.

A garota da prancheta chamou novamente, Ana olhou para Thomas uma última vez antes de entrar na sala onde seria novamente testada. O fiscal era outro então melhor, ele olhou a carteira de identidade sem alusão de questionamentos, indicou a mesa com a cadeira para os dois, explicou sobre o tempo, onde o nome deveria ser assinado, e a prova começou. Quase duas horas depois Ana saiu da sala suando como se não houvesse condicionador de ar, a prova escrita foi fácil, difícil foi ficar lembrando de tentar engrossar a voz na prova oral. Thomas aguardando ansioso se levantou depressa quando ela saiu da sala.

— Sua cara está péssima!

— De nada, você passou no vestibular.

Sem se importar com a reclamação implícita ou com o suor excessivo abraçou Ana, ela acabou desistindo de se fazer de irritada e passaram a planejar como comemorariam a nova etapa de suas vidas.